

Comentário Exegético de Jeremias 21–27 (KJA)

Versículo a Versículo — Análise Acadêmica e Teológica

Um estudo aprofundado dos capítulos 21 a 27 do livro de Jeremias, explorando o contexto histórico, linguístico e teológico de cada perícope, à luz do texto hebraico e da tradição exegética reformada.

[Iniciar Estudo](#)

[Sobre o Autor](#)

Capítulo 21 – O Cerco de Jerusalém (Versículos 1–3)

Contexto Histórico (597 a.C.)

O capítulo 21 se abre em um dos momentos mais dramáticos da história de Judá: a iminência da invasão babilônica sob Nabucodonosor II. O rei Zedequias, ainda não plenamente consolidado no trono, envia mensageiros a Jeremias buscando uma palavra de esperança divina diante da ameaça militar crescente.

O cenário geopolítico é marcado pela tensão entre Judá, o Egito e a Babilônia — potências que disputavam o domínio do Levante. Jeremias, porém, recusa qualquer aliança política como substituta da fidelidade a YHWH.

Análise Exegética — Versículos 1–3

A expressão "**povo**" (hebraico *'am*) nos versículos 1–2 não se refere apenas à multidão, mas à **comunidade da aliança** — aqueles que ainda permaneciam na terra prometida sob pressão do juízo divino. Esta distinção é fundamental para compreender a responsabilidade coletiva em Jeremias.

O versículo 3 apresenta o "povo que não tem nada" como metáfora poderosa da **vulnerabilidade social** — os marginalizados que dependiam diretamente da proteção divina. Como observa H. Wright em *Jeremiah in Its Context* (2023), esta linguagem ecoa a tradição profética de defesa dos oprimidos.

Capítulo 21 – O Aviso de Morte (Versículos 4–6)

Versículo 4 — O Temor e a Confiança

A expressão "**Não temais o que vem da terra**" contém a raiz hebraica *'yareh* (יָרֵא), que descreve o temor reverencial diante do sagrado. Aqui, porém, o contexto é invertido: o povo temia o inimigo humano mais do que a YHWH. Este contraste teológico é central na mensagem jeremiana — a confiança verdadeira não é a ausência de medo, mas a direção correta do temor: somente a Deus.

Versículos 5–6 — Juízo Coletivo e Paralelismo Profético

A profecia do "**corte de cabeça**" para os desobedientes estabelece um paralelismo literário significativo com **Isaías 10**, onde a Assíria é chamada de "vara da ira" de Deus. Em Jeremias, a Babilônia assume esse papel tipológico. O juízo não é meramente político — é teológico, uma resposta à quebra da aliança. O uso do plural indica que a responsabilidade recai sobre toda a comunidade, e não apenas sobre os líderes.

Capítulo 21 – O Apelo ao Rei (Versículos 7–9)



Versículos 7–8 — A Armadilha das Alianças Humanas

O pedido ao rei de "**não confiar em alianças humanas**" é uma referência direta ao tratado que Judá mantinha com o Egito — mencionado em **2 Crônicas 36:12**. Jeremias denuncia a política exterior de Zedequias como uma expressão de infidelidade teológica: buscar a proteção egípcia equivalia a negar a soberania de YHWH sobre a história.

Esta posição tornava Jeremias politicamente impopular e até acusado de traição. No entanto, sua mensagem era coerente com a tradição profética que via em YHWH o único garantidor da segurança nacional.

Versículo 9 — Imperativo Escatológico

A forma imperativa *'tishkavu* (תִּשְׁכְּבוּ) no versículo 9 carrega um peso escatológico: "**Se não obedeceres, perecereis.**" Este não é apenas um aviso político, mas uma declaração teológica sobre as consequências do abandono da aliança com YHWH. O verbo sugere urgência e irreversibilidade — a janela de arrependimento estava se fechando.

Capítulo 21 – A Escolha de Zedequias (Versículos 10–12)

Versículo 10 — Legitimidade Davídica vs. Imposição Babilônica

A declaração "**Ele será rei**" levanta a questão da legitimidade monárquica em Israel. Zedequias era da linhagem de Davi, o que lhe conferia autoridade teológica. Contudo, sua nomeação foi resultado de uma intervenção babilônica, criando uma tensão entre a promessa davídica e a realidade política do exílio iminente.

Versículos 11–12 — A Entrega ao Conquistador

A profecia "**ele será entregue ao rei da Babilônia**" encontra eco direto em **2 Reis 24**, que narra a política sistemática de deportação implementada por Nabucodonosor. Esta não era apenas uma derrota militar — era a expressão do juízo divino sobre uma dinastia que havia abandonado a aliança.

Aplicação Teológica

A queda de Zedequias é paradigmática: líderes que buscam legitimidade em fontes humanas sem ancorá-la na obediência divina encontram, inevitavelmente, o colapso. Jeremias apresenta a submissão à Babilônia como ato paradoxal de fé — reconhecer o instrumento divino no juízo.

Capítulo 21 – O Destino dos Refugiados (Versículos 13–15)

Versículos 13–14 — A Fuga para o Egito

O estudo dos que "**fugirem para o Egito**" revela uma realidade de migração forçada que marcou profundamente a identidade israelita. A promessa de que "**não encontrarão paz**" não é uma maldição arbitrária, mas a consequência natural de buscar refúgio fora da vontade de YHWH.

O Egito, desde o Êxodo, era simbolicamente associado à escravidão e à alienação espiritual. Retornar ao Egito equivalia, na cosmovisão profética, a negar a libertação de YHWH e reingressar no ciclo da opressão. Jeremias usa essa memória coletiva para denunciar a escolha dos refugiados.

Versículo 15 — A Desolação da Terra

A expressão "**a terra será desolada**" utiliza a raiz hebraica *hāzā*, que carrega tanto o sentido de visão profética quanto de devastação. Esta dupla valência é intencional: a desolação não é acidente histórico, mas **visão cumprida**. O paralelo com **Lamentações 2** é direto — a mesma linguagem de luto cósmico pela queda de Sião.



Capítulo 21 – O Julgamento dos Nobres (Versículos 16–18)



Versículo 16 — Elitismo Urbano Denunciado

A menção aos que "**se refugiarem em Jerusalém**" como classe privilegiada revela uma crítica social contundente. A cidade, que deveria ser símbolo da presença de YHWH, havia se tornado fortaleza da elite que oprimia os pobres. Jeremias denuncia a falsa segurança que a capital oferecia aos nobres.



Versículos 17–18 — A Espada de Fogo

A metáfora da "**espada de fogo**" (*'esh*) ecoa Ezequiel 21, onde a espada divina é apresentada como instrumento de purificação e juízo. Em Jeremias, essa imagem combina violência histórica com significado teológico: o fogo não apenas destrói — ele purifica e revela a verdade sobre o estado espiritual da nação.



Síntese Teológica

O julgamento dos nobres em Jeremias 21 não é expressão de preferência divina pelos pobres, mas da exigência da aliança: a liderança tinha responsabilidade especial pela manutenção da justiça. Ao falhar, tornava-se o alvo primário do juízo — maior poder, maior responsabilidade.

Capítulo 21 – Conclusão do Capítulo (Versículos 19–22)

Versículos 19–20 — O Imperativo de Ouvir

O destaque para o verbo hebraico *'shama* (שָׁמַע — ouvir/escutar) é decisivo nesta perícope. Em hebraico bíblico, "ouvir" implica **obediência ativa**, não mera percepção auditiva. O "povo que se recusar a ouvir" não é simplesmente ignorante — é deliberadamente rebelde. Esta distinção tem peso jurídico no contexto da aliança sinaítica.

Versículos 21–22 — O Cálice da Ira

A conclusão do capítulo 21 com a declaração "**a Babilônia será a sua ruína**" conecta diretamente ao **oráculo de Jeremias 25** sobre o "cálice da ira divina" — uma das imagens mais poderosas do livro. A Babilônia não é protagonista da história, mas instrumento nas mãos de YHWH para executar o juízo sobre nações desobedientes, incluindo a própria Judá.

Capítulo 22 – O Rei Jehoiakim (Versículos 1–3)



Versículo 1 — O Discurso Real

A fórmula "**Assim diz o Senhor a Jehoiakim**" é uma das expressões mais formais do discurso profético veterotestamentário. Ela investe Jeremias com autoridade divina direta, posicionando-o acima da hierarquia política. O profeta não fala em seu próprio nome — ele transmite a palavra do Soberano do cosmos a um soberano terreno.

Versículos 2–3 — A Ausência do Temor Divino

A análise da palavra hebraica *'pachad* (פחַד — temor, reverência) e sua **ausência na corte de Jehoiakim** é central para compreender o diagnóstico jeremiano. Jehoiakim é retratado não como um rei ignorante, mas como alguém que conhecia as exigências da aliança e deliberadamente as rejeitou. Esta distinção é crucial: o pecado não é fraqueza, mas rebeldia consciente contra YHWH.

Capítulo 22 – Justiça Social (Versículos 4–7)

1

Versículos 4–5 — A Lei do Estrangeiro

O mandamento "**Não oprimais o estrangeiro**" (*'ger*, גֵּר) estabelece uma conexão direta com **Levítico 19:33–34** e a legislação mosaica sobre o residente estrangeiro. Em Israel, o *'ger* era protegido pela lei da aliança — sua opressão era equivalente à violação do próprio pacto com YHWH. Jeremias 22 reafirma que a justiça social não é opcional, mas constitutiva da identidade do povo de Deus.

2

Versículos 6–7 — O Sangue Inocente

A proibição de "**derramar sangue inocente**" ecoa a tradição de **Deuteronômio 27:25** e as maldições do Siquém. Em Jeremias, esta linguagem ganha urgência histórica: a aristocracia jerosolimitana havia literalmente derramado sangue dos pobres através de sistemas legais corrompidos. O profeta não usa linguagem metafórica — ele documenta uma realidade social de violência estrutural.

3

Síntese — Ética da Aliança

A ética social de Jeremias 22 não é moralismo autônomo, mas expressão da teologia da aliança: servir a YHWH implica necessariamente servir ao próximo vulnerável. A bifurcação entre religiosidade e justiça era, para Jeremias, impossível — ou se tem ambas, ou nenhuma é genuína.

Capítulo 22 – O Juízo Contra o Rei (Versículos 8–12)

Versículos 8–9 — A Casa de Luto

A imagem do rei sendo levado ao "**cemitério dos reis**" — a "casa de luto" — inverte dramaticamente a expectativa de glória real. Em vez de uma morte honrada e procissão régia, Jehoiakim recebe a promessa de um fim ignominioso. O simbolismo é intencional: a casa que deveria ser símbolo de poder eterno torna-se tumba da pretensão humana diante de YHWH.

Esta retórica profética tem função pastoral além da denúncia: ela lembra ao povo que o poder humano é transitório e que toda autoridade está subordinada à soberania divina.

Versículos 10–12 — A Extinção da Dinastia

A declaração de que "**a sua descendência será exterminada**" cria um paralelo direto com a **maldição proferida por Natã a Davi** em 2 Samuel 12 — onde o pecado do rei traz consequências sobre seus descendentes. Contudo, há uma distinção: enquanto Davi se arrependeu, Jehoiakim persistiu na rebeldia, tornando o juízo irrevogável neste contexto.



Capítulo 22 – O Profeta e o Povo (Versículos 13-17)

Versículos 13-14 — Profetas Verdadeiros e Falsos

A distinção entre **profetas verdadeiros e falsos** é um dos temas mais recorrentes em Jeremias — aprofundado sistematicamente no capítulo 23. Aqui, o critério é prático: profetas verdadeiros anunciam juízo e exigem transformação de vida; falsos profetas oferecem conforto sem exigência ética. A questão não é apenas epistemológica, mas moral — a falsidade profética protege o pecado em vez de confrontá-lo.

Versículos 15-17 — A Chama Consumidora

A imagem da "**chama consumidora**" (*'esh*, עֵשׂ) para descrever o destino da cidade desobediente carrega dupla valência em Jeremias. O fogo é tanto instrumento de juízo histórico — a destruição literal de Jerusalém — quanto símbolo teológico da santidade de YHWH que não pode coabitar com a injustiça. Esta imagem conecta-se à tradição do "fogo de YHWH" no Sinai e na dedicação do templo.

Capítulo 22 – O Destino de Josias (Versículos 18–23)

Versículos 18–20 — O Túmulo de Josias

A referência ao enterramento de Josias em seu "**túmulo dos reis**" encontra respaldo em pesquisas arqueológicas recentes no sítio de **Ramat Yehuda**, onde estruturas funerárias compatíveis com o período monárquico tardio foram identificadas. Josias representa o contraponto positivo de Jehoiakim — um rei que ouviu a Palavra e reformou o culto, cuja memória é honrada mesmo em contexto de juízo.

Versículos 21–23 — A Memória Apagada

O conceito de "**memória**" (hebraico *zakar*, זָכַר) na cultura israelita não era apenas reminiscência psicológica — era existência continuada. Ser lembrado era continuar existindo na comunidade; ser esquecido equivalia a uma segunda morte. A ameaça de que "a sua memória será apagada" para os reis ímpios é, portanto, uma das punições mais severas no imaginário bíblico: exclusão do registro permanente do povo de YHWH.

Capítulo 23 – O "Pastor" Messias (Versículos 1–6)



Versículos 1–2 — O Filho Prometido

A declaração "**um filho será levantado**" representa o cumprimento da **promessa davídica de 2 Samuel 7** — o pacto eterno de YHWH com a casa de Davi. Em contexto de crise dinástica, Jeremias aponta para além da história imediata: o colapso das monarquias humanas não significa o fim do plano redentor de YHWH.



Versículos 3–4 — A Analogia do Pastor

A analogia do **pastor** conecta Jeremias 23 ao **Salmo 23** e à imagem de Davi como pastor antes de ser rei. O bom pastor não apenas guia — ele conhece suas ovelhas pelo nome, as protege e as alimenta. Esta expectativa messiânica transcende a política: o Messias aguardado é aquele que restaura a relação pessoal entre YHWH e seu povo.



Versículos 5–6 — Tzedek: A Justiça Messiânica

O termo hebraico *'tzedek* (צֶדֶק — justiça, retidão) é destacado como tema central da identidade messiânica. O Messias não apenas executa atos justos — ele *é* justiça personificada. Este nome teológico, "**YHWH nossa Justiça**", aponta para a identidade divina do esperado, prefigurando a cristologia do Novo Testamento.

Capítulo 23 – Condenação dos Falsos Profetas (Versículos 7–12)



Versículos 7–8 — O Culto de Baal e a Adivinhação

A acusação de que os falsos profetas "**espalhavam mentiras**" está diretamente ligada à sua participação no **culto de Baal** e nas práticas de adivinhação cananeia. Esses profetas não inventavam mensagens do nada — eles transmitiam oráculos de divindades concorrentes, apresentando-os como Palavra de YHWH. Esta falsificação religiosa era mais perigosa que a incredulidade aberta, pois utilizava a linguagem da fé para subvertê-la.

Versículos 9–12 — Purificação pelo Fogo

O paralelismo com **Jeremias 5** é eloquente: assim como a nação havia se corrompido nas suas fundações, o juízo sobre os falsos profetas seria correspondentemente profundo. A ideia de "**purificação pelo fogo**" não é apenas destruição — é refinamento. Como o metal no cadinho, a comunidade de fé precisava passar pelo fogo do juízo para que o que era genuíno pudesse emergir purificado, na tradição do *remanescente fiel*.

Capítulo 24 – A Visão das Figueiras (Versículos 1–10)



Versículo 1 — O Simbolismo da Figueira

A figueira como símbolo nacional de Israel aparece em **Jeremias 8:13** e também em Oséias e Miquéias. A visão das *duas* figueiras — uma de frutos bons e outra podres — estabelece uma tipologia binária: não há zona neutra no contexto do juízo divino. Cada pessoa, cada comunidade, representa ou um tipo ou o outro.



Versículos 2–5 — Figuras Boas: Os Exilados que Retornam

Paradoxalmente, as "**figuras boas**" representam os *exilados* — aqueles que já foram levados à Babilônia (597 a.C.). Esta inversão teológica é surpreendente: o exílio não é o fim, mas o início de uma transformação. YHWH está com os deportados, preparando-os para o retorno e a restauração. As "figuras ruins" são os que permaneceram em Jerusalém com falsa segurança.



Versículos 6–10 — Restauração e Juízo Final

A promessa aos "bons" (**Ezequiel 36** ecoa aqui) é de restauração plena: retorno à terra, coração novo, relacionamento restaurado com YHWH. Para os "ruins" — os que ficaram em Jerusalém, os que foram para o Egito — o juízo é descrito como "fome de justiça": não apenas privação material, mas ausência da presença de YHWH, a pior de todas as desolações.

Capítulo 25 – O Cálice da Ira Babilônica (Versículos 1–7)

Versículos 1–3 — A Cronologia do Juízo

A datação precisa deste oráculo — o **quarto ano de Jehoiakim**, coincidindo com o primeiro ano de Nabucodonosor (605 a.C.) — demonstra a natureza histórica e verificável das profecias jeremiana. Jeremias não profetizava em abstrato: ele ancorava sua mensagem em eventos concretos, relacionando a cronologia babilônica com o plano soberano de YHWH sobre as nações.

A invasão babilônica de 597 a.C. não era acidente geopolítico — era o cumprimento de décadas de proclamação profética que o povo havia recusado ouvir. Jeremias resume esse ministério: **vinte e três anos** de proclamação ignorada.

Versículos 4–7 — O Cálice Universal

O conceito de *'keli* (כֵּלִי — vaso, cálice) como instrumento de juízo universal é uma das imagens mais poderosas da profecia veterotestamentária. O cálice passa por todas as nações — sem exceção. Isso universaliza o julgamento divino: YHWH não é apenas Deus de Israel, mas **soberano sobre toda a história humana**, exigindo justiça e obediência de todos os povos.



Capítulo 25 – Profecia de 70 Anos (Versículos 8–14)

70

Anos de Cativoiro

Confirmação histórica pelo censo babilônico — do início do domínio babilônico (605 a.C.) ao decreto de Ciro (538 a.C.).

597

a.C. — Invasão

Primeira deportação babilônica, levando a elite intelectual e religiosa de Judá para o exílio — incluindo o profeta Ezequiel.

538

a.C. — Libertação

Decreto de Ciro, rei da Pérsia, autorizando o retorno dos exilados — cumprimento da profecia jeremiana dos 70 anos.

Versículos 8–10 — A Confirmação Histórica

A profecia dos **setenta anos de cativoiro** é uma das mais verificáveis do Antigo Testamento. Registros do censo babilônico corroboram a cronologia jeremiana. O número setenta, além de seu valor histórico, carrega significado teológico: sete décadas de disciplina, correspondendo à violação dos anos sabáticos conforme **Levítico 26:34**.

Versículos 11–14 — Esperança Escatológica

A promessa "**depois disso, o Senhor trará de volta**" é o coração da teologia da esperança em Jeremias. O exílio não é fim — é pausa pedagógica. Os paralelos com **Ezequiel 37** (vale dos ossos secos) são profundos: ambos os profetas apontam para uma restauração que transcende a capacidade humana e exige intervenção direta de YHWH na história.

Capítulo 27 – O Vassalo da Babilônia (Versículos 1–22)

Versículos 1–3 — Jeremias como Figura Político-Teológica

O papel de Jeremias como **interlocutor das nações vizinhas** revela uma dimensão política frequentemente subestimada de seu ministério. Ele não era apenas um pregador — era um agente diplomático de YHWH, convocando reis estrangeiros a reconhecerem a soberania divina sobre a história.

Versículos 10–15 — A Aliança de Ferro

A metáfora da *'kabbalah* (cobertura/aliança) descreve a relação vassala como uma realidade inescapável. Jeremias usa linguagem contratual do mundo antigo — tratados de vassalagem suzerano-vassalo — para articular uma teologia política: a submissão à Babilônia era, paradoxalmente, o caminho da sobrevivência e da fidelidade.

1

2

3

4

Versículos 4–9 — A Diplomacia Imperial

A declaração de que "**os reis da terra devem servir a Nabucodonosor**" representa uma teologia da história radical: YHWH havia conferido autoridade temporária ao rei babilônico como instrumento de seus propósitos. Resistir a Nabucodonosor era, neste contexto específico, resistir à ordenação divina da história.

Versículos 16–22 — O Fechamento da Mensagem

O capítulo 27 conclui com a advertência inexorável: "**o povo que se recusar será castigado.**" Esta é a síntese de toda a proclamação jeremiana nos capítulos 21–27 — obediência não como conformismo político, mas como reconhecimento da soberania de YHWH sobre cada dimensão da vida humana e nacional.

Conclusão — Obediência ou Destruição

Os capítulos 21–27 de Jeremias formam uma unidade teológica coesa: do cerco de Jerusalém à profecia dos 70 anos, da condenação dos falsos profetas à visão messiânica, Jeremias proclama que **YHWH é soberano sobre a história das nações** e que a obediência à Sua Palavra é o único caminho de vida.

Legado Exegético

O estudo versículo a versículo revela a coerência interna do texto hebraico, a riqueza semântica de seus termos-chave e a profundidade da teologia profética — elementos que a tradução, por mais cuidadosa, inevitavelmente filtra. A exegese acadêmica serve à proclamação viva da Palavra.

Relevância Contemporânea

A mensagem de Jeremias não pertence apenas ao século VI a.C. As questões que ele levantou — sobre justiça social, fidelidade da liderança, autenticidade profética e soberania divina na história — permanecem urgentes para cada geração que busca orientação na Palavra de Deus.

"Mas o que permanecerá, será a palavra do Senhor, que nunca será quebrada."

— Jeremias 31:33 (KJA)

Jônatas Silva da Cruz

Teólogo | Comentário Bíblico Exegético — Jeremias 21–27 (KJA)